



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 11 DE AGOSTO, DE 2025 - 21H00

Sessão 53 “A MOSCA” (1986)



David Cronenberg surge, em 1986, com um remake de um filme rodado em 1958 por Kurt Newman, *The Fly*, e que teve duas sequelas, *Return of the Fly* e *Curse of the Fly*, a primeira de 1960, assinada por Edward L. Bernds, a segunda de 1965, dirigida por Don Sharp, mas agora em estúdios ingleses. De todas, apenas a versão de Kurt Newman tem realmente um certo valor, funcionando mesmo como um clássico do género que, visto hoje em dia, se afirma como um divertido e ingénuo exercício, ainda que a eficácia e algumas qualidades do trabalho do seu realizador, bem assim como do desempenho de Vincent Price, lhe permitam ocupar um lugar de certo relevo na

produção dos anos 50. Todo o instrumental científico de que o protagonista se servia para as suas tentativas de transporte da matéria, de um lugar para outro, está hoje completamente ultrapassado e não tem credibilidade possível. Mas a verdade é que, para além disso, a obra possui um certo fascínio.

É película que David Cronenberg irá adaptar, mas actualizando-o, não só em termos científicos, conferindo ao tema uma maior credibilidade, como sobretudo a um nível espectacular, aproveitando, sabiamente, uma sugestiva metamorfose que, no filme anterior, surgia como que elidida: de um momento para o outro, o homem aparecia transformado parcialmente em mosca. Agora a transformação processa-se lentamente, quer no plano físico, como no psicológico.

É óbvio que continuamos no domínio do hipotético, mas toda a envolvência tecnológica impõe um outro respeito, mesmo neste campo, que, todavia, nos parece secundário. Realmente não é muito importante para o filme que o caso que ele relata possa efectivamente acontecer, agora ou num futuro próximo. Não é essa a intenção da película, tal como em *Frankenstein* ou *The Golem*. O que está em causa é um pouco a parábola que através da «história» se veicula e, mais ainda do que isso, o clima que se cria, se instala e se desenvolve de forma contagiante para o espectador. Os cientistas e paracientistas não deverão rebuscar muito para encontrar impossibilidades práticas: os poetas e os artistas creio que sentirão a obra de uma forma muito diferente, aceitando o inaceitável como necessário para a criação de um ambiente realmente fabuloso, trágico e obsessivo.

Brundle, o cientista de *The Fly*, aperfeiçoa um método de teletransporte de matéria, que passa de um local para outro através de um processo de desintegração e reintegração da matéria. Brundle experimenta primeiramente

com matéria inorgânica, depois passa para o bife, posteriormente para o macaco e, num dia que álcool o entusiasma, resolve teletransportar-se a si próprio. Não repara, porém, que no interior da máquina se encontra uma mosca e quando surge reproduzido do outro lado a mosca tinha sido absorvida pelo seu organismo. Quer dizer, de um lado estava Brundle e a mosca (the fly) e do outro lado aparece Brundlefly, sem que, no entanto, nada na sua aparência o denuncie já. Os sintomas vão surgindo lentamente, agora um gesto mais rápido, um olhar, o gosto desmedido pelo açúcar, uma actividade sexual invulgarmente intensa. Depois sim, o aparecimento de uns pêlos que saem por uma cicatriz, a rápida evolução para uma «metamorfose» física irresistível, que culminará na silhueta monstruosa de uma figura de onde vão progressivamente desaparecendo os traços humanos, ainda que permaneçam os sentimentos e a lucidez.

Mas o aspecto marcante desta aventura, no desconhecido é sem sombra de dúvida o lado melodramático desta trágica «leve story», que repõe em circulação o tema da bela e do monstro, adaptando-a à tecnologia moderna e as preocupações do homem contemporâneo. O jogo de sentimentos desencontrado que se estabelece a partir do momento em que a «metamorfose» se inicia é dado de forma notável, por vezes sublime, como toda a viagem nocturna pelos telhados de uma metrópole em busca da mulher amada, culminando com uma entrada intempestiva por uma janela que lembra os melhores momentos de King-Kong.

Mas outras leituras se podem fazer deste filme invulgarmente sugestivo. Por um lado, temos obviamente uma metáfora sobre a impossibilidade de reproduzir a realidade, tal como ela é, sem nada lhe acrescentar. Cronenberg, que já se havia interessado pelo vídeo e a televisão em Videodrome, volta aqui ao tema, mostrando essa impossibilidade através de uma história onde a realidade reproduzida é alterada e, pior do que isso, adulterada por algo que se descurou, mas que irá ter um papel decisivo na reprodução, inquinando-a. O teletransporte de Brundle (tal como o das imagens, de televisão) não é fidedigno ao modelo. O que resulta é Brundle-Fly (tal como as imagens da realidade enviadas à distância tendem a ser acrescentadas de novos valores que por vezes impercetivelmente as deformam).

Uma outra interpretação possível tem a ver com o pesadelo da SIDA que se abateu sobre a humanidade nos últimos anos. Este corpo em degenerescência, cioso de uma actividade sexual transbordante de desejo, encaminha-nos rapidamente para os terrenos da tragédia. Apenas, um sintoma ou mais, do que isso uma metáfora também? De qualquer forma, o que se pode confirmar é que The Fly, de David Cronenberg, é um dos mais belos filmes fantásticos dos últimos anos, concretizando integralmente as esperanças depositadas no seu autor, permitindo ainda a Jeff Goldblum uma interpretação de invulgar virtuosismo.

(...) Neste ponto Cronenberg é bem um cineasta do nosso tempo: correspondendo por inteiro às inquietações e angústias que atormentam a humanidade, por muito delirantes que certos aspectos dos argumentos tratados pelo cineasta possam parecer distantes delas. Mas a verdade é que Cronenberg tem abordado, de forma metafórica é certo, mas com inteligência e argúcia, e de maneira cada vez mais elaborada e madura, temas como a ameaça, das epidemias, o universo despersonalizado das clínicas e das empresas, os fenómenos parapsicológicos, como a telepatia, a influência dos «mass media » na formação ou deformação das mentalidades, as transformações genéticas, enfim um amplo conjunto de problemas que se encontram entre os mais preocupantes da actualidade, e aqueles que maiores dúvidas justificam quanto ao futuro do homem. Para David Cronenberg, a matéria e o espírito aparecem indissociáveis num mesmo corpo orgânico, uma «zona» de ressonância dos perigos a que o homem se encontra exposto neste final do século! XX.. Por isso os seus filmes adquirem essa fórmula «mutante», onde nada está fixo e imutável, onde tudo é possível.

Lauro António





A MOSCA

Título original: The Fly

Realização: David Cronenberg (EUA, 1986); Argumento: Charles Edward Pogue, David Cronenberg, segundo conto de George Langelaan; Produção: Marc Boyman, Mel Brooks, Stuart Cornfeld, Kip Ohman; Música: Howard Shore; Fotografia (cor): Mark Irwin; Montagem: Ronald Sanders; Casting: Deirdre Bowen; Design de produção: Carol Spier; Direção artística: Rolf Harvey; Decoração: Elinor Rose Galbraith; Guarda-roupa: Denise Cronenberg; Maquilhagem: Shonagh Jabour, Ivan Lynch; Direção de produção: David Coatsworth; Assistentes de realização: John Board, Tom Quinn, Patricia Rozema, Kim H. Winther; Departamento de arte: Marc Corriveau, Joe Curtin, Danielle Fleury, Ian Fraser, Gary Jack, Nick Kosonic, James McAteer, Harold Michelson; Som: Terry Burke, Richard Cadger, Bryan Day, David Evans, Wayne Griffin, Michael LaCroix, Jane Tattersall; Efeitos especiais: Louis Craig, Ted Ross, Chris Walas; Efeitos visuais: Michael Bigelow, Fred Iguchi, Lesley Mallgrave, William Reilly, Lee Wilson, Hoyt Yeatman; Companhias de produção: SLM Production Group, Brooksfilm; Intérpretes: Jeff Goldblum (Seth Brundle), Geena Davis (Veronica Quaife), John Getz (Stathis Borans), Joy Boushel (Tawny), Leslie Carlson (Dr. Cheevers), George Chuvalo (Marky), Michael Copeman (Segundo homem no bar), David Cronenberg (ginecologista), Carol Lazare (enfermeira), Shawn

Hewitt, Ann Green, Typhoon, etc. Duração: 96 minutos; Distribuição em Portugal: 20th Century Fox; Classificação etária: M7 16 anos; Estreia em Portugal: Fantasporto (1987) e 6 de Fevereiro de 1987.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 18 DE AGOSTO DE 2025

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

“Uma Mulher de Sucesso” de Mike Nichold/ 1988